

Sobe a cotação dos títulos da dívida

externa

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Voltou a subir ontem, depois de uma queda no final da semana passada, o principal título da dívida externa do Brasil, MYDFA, nome formado pela sigla em inglês para Instrumento de Depósito do Acordo Multianual de 1988. "O papel parece firme nesse patamar de 31 centavos por dólar", diz um vice-presidente do ANZ Bank, em Londres, Joel Esciua.

O preço caiu na semana passada "devido ao temor de que o aumento das despesas com os aposentados prejudique um acordo 'stand-by' com o Fundo Monetário Internacional (FMI)", argumenta o diretor-gerente de mercados emergentes no Chase Manhattan Bank, Joseph Boyle. "Mas agora há um certo otimismo no mercado em torno dessas negociações", acrescenta.

Houve um bom volume de negócios com os MYDFA na Europa, testemunha um vice-presidente do Banque Indosuez, em Paris, Roberto Ruhman: "O papel parece firme ligeiramente acima de 31 centavos. A grande preocupação no curto prazo é o acordo 'stand-by' com o FMI". Nisso todos os operadores parecem estar de acordo.

Alguns estão mais preocupados, outros menos. No primeiro caso encontra-se Martin Schubert, da Eurinam: "O mercado está otimista com o Brasil ainda que a inflação esteja no nível em que está. O possível efeito do custo adicional das aposentadorias no orçamento está impedindo que o papel avance além do nível atual. E eu pergunto: as coisas no Brasil mudaram tanto em dois meses para justificar o otimismo?" O mesmo acontece com Ana Wong, vice-presidente da Socimer. "Eu não estou cautelosa, estou pessimista mesmo", confessa ela.

No segundo caso fica Angel Santamarina, chefe de transações com

14 JAN 1992

ZETA MERCANTIL

Sobe a cotação dos títulos da dívida

externa

por Getulio Bittencourt
de Nova York

(Continuação da 1ª página)
empréstimos no banco espanhol Santander. "O que parece estar acontecendo é que, no caso do Brasil, o FMI está disposto a fazer um acordo para permitir que o País acerte primeiro a dívida externa e depois controle a economia interna. Normalmente os eventos aconteceriam na ordem inversa", raciocina. "Na área interna, já se fez alguma coisa, mas há muitas outras para fazer."

Dois outros papéis brasileiros estão ativos atualmente. O PFA, nomeado pela sigla em inglês para Acordo Paralelo de Financiamento, ampliou de quatro para oito pontos sua distância em relação aos MYDFA. "E pode subir mais", nota Esciua, do ANZ. "A aritmética é simples: se o PFA pode ser convertido ao par na privatização, quando o MYDFA é convertido a um desconto de 25%, temos que o primeiro título tem um prêmio de 33% sobre o segundo. Então, se o MYDFA vale 31 centavos, o PFA deve valer 41 centavos", pondera.

O outro papel que se destaca é o Bônus de Saída (Exit Bond), que já subiu 10% em um mês. "O Exit Bond torna-se atraente porque tem juros fixos, quando os juros no exterior continuam caindo", observa José Luiz Castro Lima, vice-presidente do NMB Bank em São Paulo.

Mas há outros papéis de juros fixos no mercado, como os Par Bonds (bônus par) do México e da Venezuela. "Ainda assim, no momento o Exit Bond brasileiro é mais atraente", mostra Esciua. "Basta fazer a conta. O retorno presente desse papel está em torno de 11,4%, enquanto o do Par Bond, da Venezuela, é de 9,7%, e o do México, de 9,8%", conclui.

O mercado já especula com novos lançamentos de eurobônus do Brasil, depois da Copene (via Chase Manhattan) e da Hering (via ABN-Amro). Deve sair amanhã um novo papel da Petrobrás, liderado pelo CS First Boston, captando US\$ 150 milhões com um ano de prazo. Fala-se também num eurobônus da Telesp para a próxima semana e noutro da IBM para breve.